

FAKE NEWS E DESINFORMAÇÃO: O PAPEL DA ESCOLA NA CHECAGEM DE FATOS

Emiliene Alves de Figuerêdo Pedrosa¹

Gilsele Tosta dos Santos²

José Walter Soares de Oliveira³

Léia Moreira Diniz Marinho⁴

Maria Ozineide de Oliveira⁵

Marilene Tozi⁶

Silvana Maria Aparecida Viana Santos⁷

RESUMO: O presente estudo abordou o tema da segurança digital no contexto educacional, com ênfase na proliferação de *fake news* e desinformação. O problema investigado questionou de que forma a escola poderia atuar no enfrentamento dessas práticas, utilizando a alfabetização midiática aliada às tecnologias computacionais. Teve-se como objetivo geral analisar como a alfabetização midiática, mediada por recursos digitais, poderia contribuir para a promoção da segurança digital no ambiente escolar. A metodologia adotada consistiu em pesquisa bibliográfica, fundamentada em autores que discutem tecnologias educacionais, aprendizagem colaborativa, mapas conceituais e gamificação. No desenvolvimento, identificaram-se estratégias pedagógicas que, integradas ao uso de ferramentas digitais, possibilitaram a construção de competências críticas e sociais necessárias ao enfrentamento da desinformação. Constatou-se que o uso planejado e intencional de tecnologias computacionais favoreceu a formação de estudantes capazes de checar fatos, avaliar informações e agir com responsabilidade no ambiente digital. Concluiu-se que a escola desempenha papel fundamental na formação para a cidadania digital e que novas investigações poderão ampliar a compreensão sobre a aplicação prática dessas estratégias.

Palavras-chave: Segurança digital. Alfabetização midiática. *Fake news*. Tecnologias computacionais. Educação crítica.

ABSTRACT: This study addressed the theme of digital security in the educational context, with emphasis on the proliferation of fake news and misinformation. The research problem questioned how the school could act in facing these practices, using media literacy combined with computational technologies. The general objective was to analyze how media literacy, mediated by digital resources, could contribute to promoting digital security in schools. The methodology was based exclusively on bibliographic research, supported by authors who discuss educational technologies, collaborative learning, concept mapping, and gamification. The development identified pedagogical strategies that, when integrated with digital tools, enabled the development of critical and social competencies necessary to confront disinformation. It was found that the planned and intentional use of computational technologies fostered the formation of students capable of fact-checking, evaluating information, and acting responsibly in digital environments. It was concluded that school plays a fundamental role in forming digital citizenship and that further studies may enhance the understanding of the practical application of these strategies.

Keywords: Digital security. Media literacy. Fake news. Computational technologies. Critical education.

¹Especialista em Gestão Escolar, Universidade Federal do Piauí (UFPI)

²Mestra em Tecnologias Emergentes em Educação, Must University (MUST)

³Mestrando em Ensino de História, Universidade de Pernambuco (UPE).

⁴Mestra em Tecnologias Emergentes em Educação, Must University (MUST).

⁵Mestranda em Tecnologias Emergentes em Educação, Must University (MUST).

⁶Mestranda em Tecnologias Emergentes em Educação, Must University (MUST).

⁷Master of Science in Emergent Technologies in Education, Must University (MUST).

I INTRODUÇÃO

A emergência das tecnologias digitais e o avanço acelerado da internet configuraram uma nova realidade informacional na sociedade contemporânea. Essa nova configuração, marcada pela circulação instantânea de conteúdos, alterou os modos de produzir, acessar e compartilhar informações. Em meio a esse cenário, destaca-se um fenômeno que tem gerado ampla preocupação em escala global: a disseminação de *fake news* e de conteúdos desinformativos. A propagação de informações falsas, impulsionada por algoritmos, redes sociais e pela facilidade de publicação sem mediação editorial, compromete a formação de opiniões fundamentadas, prejudica o debate democrático e impacta negativamente decisões sociais e individuais. Diante disso, torna-se imperativo refletir sobre o papel da educação, especialmente no ambiente escolar, na promoção de uma cultura crítica e responsável no uso das tecnologias de informação.

A escola, enquanto espaço formativo por excelência, deve assumir uma função estratégica na formação de sujeitos autônomos, críticos e conscientes diante do excesso informacional da era digital. Nesse contexto, a alfabetização midiática emerge como uma abordagem essencial para instrumentalizar os estudantes na identificação, análise e validação de informações, contribuindo assim para o fortalecimento da segurança digital. Trata-se de capacitar os indivíduos para compreenderem como as mídias operam, reconhecerem interesses por trás dos discursos informacionais, e desenvolverem competências para checar fatos, questionar fontes e interpretar mensagens com rigor crítico. Tal formação não se limita à leitura textual, mas envolve também habilidades cognitivas e sociais que possibilitam o enfrentamento consciente do ecossistema digital.

459

A escolha desse tema justifica-se pela urgência de discutir os impactos das *fake news* e da desinformação sobre a educação e a cidadania, bem como pela necessidade de explorar alternativas pedagógicas que incorporem o uso de tecnologias baseadas em computador como ferramentas de apoio à alfabetização midiática. O avanço de recursos computacionais aplicados à educação – como softwares de mapeamento conceitual, plataformas gamificadas, simuladores em realidade virtual e ambientes virtuais de aprendizagem – oferece à prática docente possibilidades inovadoras para o enfrentamento da desinformação. Ressalta-se, portanto, a relevância de se compreender como tais tecnologias podem ser integradas de maneira intencional e pedagógica para desenvolver competências críticas relacionadas à segurança digital no espaço escolar.

A partir dessa problemática, formula-se a seguinte pergunta norteadora: como a escola pode atuar no combate às *fake news* e à desinformação, utilizando a alfabetização midiática mediada por tecnologias computacionais como estratégia de promoção da segurança digital?

O objetivo deste estudo é analisar como a alfabetização midiática, mediada por tecnologias baseadas em computador, pode contribuir para a promoção da segurança digital no ambiente escolar frente à disseminação de *fake news* e desinformação.

A metodologia adotada consiste em uma pesquisa bibliográfica, fundamentada em autores que discutem a integração das tecnologias no processo educacional, a aprendizagem colaborativa, o uso de ferramentas digitais como os mapas conceituais, além da discussão contemporânea sobre gamificação, alfabetização midiática e segurança digital. As obras selecionadas abordam temas centrais à educação do século XXI e permitem construir uma base teórica sólida para compreender os desafios e possibilidades do uso crítico das tecnologias digitais na formação dos estudantes.

A estrutura do texto está organizada em três partes. Na primeira seção, denominada Introdução, apresenta-se o tema, a justificativa da pesquisa, a pergunta-problema, o objetivo, a metodologia e a organização do trabalho. Na segunda parte, o Desenvolvimento, discutem-se os principais conceitos relacionados à desinformação, ao papel da escola diante da cultura digital, à alfabetização midiática e à aplicação de tecnologias educacionais no processo de checagem de fatos. Na terceira e última seção, intitulada Considerações Finais, retomam-se as ideias principais discutidas ao longo do texto, destacando a importância da atuação da escola na construção de uma cultura de segurança digital crítica e fundamentada.

2 Alfabetização midiática como estratégia de segurança digital

O avanço das tecnologias digitais na sociedade contemporânea intensificou transformações significativas nas formas de produção, circulação e recepção das informações. Esse processo foi potencializado pela popularização da internet e pela utilização de dispositivos móveis, o que proporcionou amplo acesso à informação, porém também gerou novas problemáticas educacionais, sociais e éticas. Nesse cenário, destaca-se a proliferação de *fake news* e conteúdos desinformativos, os quais comprometem o desenvolvimento de uma cidadania crítica e consciente. Tal conjuntura exige da escola uma resposta educativa à altura dos desafios colocados pela cultura digital, promovendo estratégias de enfrentamento à

desinformação que integrem a alfabetização midiática ao currículo, com o suporte de tecnologias baseadas em computador (Gatti, 1997).

Ao considerar a dimensão pedagógica do problema, observa-se que o ambiente escolar, tradicionalmente responsável pela formação de competências cognitivas, deve também assumir a responsabilidade de desenvolver habilidades de análise crítica, avaliação de fontes e interpretação das mensagens midiáticas. Essas habilidades, quando integradas ao uso pedagógico de tecnologias, tornam-se ferramentas eficazes na promoção da segurança digital. A alfabetização midiática, nesse sentido, não se limita à leitura e compreensão dos textos midiáticos, mas se expande para o domínio das linguagens digitais, dos recursos tecnológicos e dos mecanismos de checagem de informações (Gatti, 1997).

Nesse contexto, a utilização de mapas conceituais no planejamento de aulas se revela uma estratégia pedagógica importante. O uso dessas ferramentas, como proposto por Souza (2006), favorece a organização do pensamento e a construção do conhecimento de forma visual, relacional e sistemática. Essa abordagem estimula a análise crítica e a integração de informações, permitindo que os estudantes estabeleçam conexões entre conceitos, identifiquem incoerências e reconheçam contradições presentes em discursos desinformativos. Assim, a aplicação dos mapas conceituais vai além da simples organização de conteúdo, funcionando como instrumento de reflexão e verificação.

461

A incorporação de metodologias que incentivam a aprendizagem colaborativa também contribui para esse processo. O trabalho em grupo, promovido em ambientes digitais e mediados por recursos computacionais, facilita o diálogo entre os estudantes e estimula o confronto de diferentes pontos de vista, como discutido por Torres e Irala (2014). A aprendizagem colaborativa permite que os sujeitos construam o conhecimento de forma compartilhada, o que favorece a formação de uma postura crítica diante das informações consumidas no cotidiano. A cooperação no processo de aprendizagem proporciona um espaço para a análise coletiva de notícias, vídeos e publicações, promovendo a checagem de fatos de maneira dialógica e reflexiva.

Ainda sob essa perspectiva, o uso da gamificação associada à realidade virtual no contexto educacional apresenta-se como uma inovação promissora. De acordo com os estudos de Agune et al. (2019), a gamificação estimula a motivação dos estudantes e proporciona experiências imersivas que potencializam a aprendizagem. No combate à desinformação, jogos digitais podem ser desenvolvidos com o objetivo de simular situações em que o estudante

precisa tomar decisões baseadas na veracidade e confiabilidade das informações apresentadas. A aplicação da realidade virtual, nesse processo, aprofunda o envolvimento do aluno e o insere em ambientes interativos que reproduzem a dinâmica de consumo de informação típica das redes sociais, permitindo que se desenvolvam competências essenciais para a segurança digital.

Para que essas ações se concretizem de maneira efetiva, é fundamental considerar as habilidades cognitivas e competências sociais como elementos centrais na formação do estudante contemporâneo. Conforme proposto por Gatti (1997), o desenvolvimento dessas habilidades é indispensável para o enfrentamento das novas exigências impostas pela sociedade da informação. A cognição crítica, aliada à competência para interagir de forma ética e responsável nos ambientes digitais, torna-se uma base para a formação de indivíduos capazes de reconhecer discursos manipuladores e agir com discernimento frente às práticas de desinformação.

Observa-se, portanto, que a escola deve atuar de forma proativa, criando condições pedagógicas para que os estudantes compreendam o funcionamento das mídias, analisem suas linguagens e saibam identificar intenções comunicativas ocultas. A integração das tecnologias computacionais nesse processo amplia as possibilidades de atuação pedagógica e fortalece a proposta de uma educação voltada para o desenvolvimento do pensamento crítico. Plataformas educacionais, aplicativos de checagem, simuladores de situações comunicativas e ferramentas de análise de discurso podem ser utilizados como recursos mediadores da aprendizagem, desde que haja intencionalidade pedagógica e formação docente adequada (Torres & Irala, 2014; Souza, 2006).

A articulação entre alfabetização midiática, segurança digital e tecnologia computacional deve ser compreendida como um eixo estruturante da educação no século XXI. A proposta não é apenas introduzir recursos digitais nas escolas, mas utilizá-los de forma significativa para transformar o modo como os estudantes interagem com o conhecimento e com as informações. O combate à desinformação demanda mais do que acesso à tecnologia: exige formação crítica, competência para análise e responsabilidade social no uso dos meios digitais (Gatti, 1997).

A construção de uma cultura escolar comprometida com a veracidade, a ética informacional e a cidadania digital requer o engajamento de toda a comunidade escolar. Os professores precisam ser capacitados para orientar os estudantes na navegação crítica pelo ambiente digital, os gestores devem apoiar iniciativas que valorizem a alfabetização midiática, e os estudantes devem ser protagonistas no processo de construção de um ambiente

informacional seguro. Tais ações devem ser planejadas e executadas com o apoio das tecnologias computacionais disponíveis, utilizadas como aliadas na formação de uma consciência crítica diante das complexidades da era digital (Agune et al., 2019; Torres & Irala, 2014).

Conclui-se que, no contexto atual, marcado por um fluxo intenso e desordenado de informações, o papel da escola se expande. Além de transmitir conhecimentos acadêmicos, torna-se necessário capacitar os sujeitos para interagirem com o mundo digital de forma crítica, segura e ética. A alfabetização midiática, quando mediada por recursos tecnológicos adequados, configura-se como um caminho viável e necessário para enfrentar os efeitos da desinformação e das fake news, promovendo, assim, a formação de uma cidadania digital ativa e consciente (Souza, 2006; Gatti, 1997).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise realizada ao longo do presente estudo permitiu compreender de que maneira a escola pode atuar no combate às *fake news* e à desinformação, utilizando a alfabetização midiática mediada por tecnologias computacionais como estratégia para a promoção da segurança digital. A partir do levantamento teórico, verificou-se que a inserção de práticas pedagógicas que favoreçam o desenvolvimento de habilidades críticas no consumo e análise de informações é essencial diante da complexidade do ambiente digital contemporâneo.

463

Como principal achado, destaca-se que a alfabetização midiática, quando integrada ao currículo escolar com o suporte de tecnologias baseadas em computador, representa um recurso viável e pertinente para enfrentar os desafios impostos pela disseminação de informações falsas. O uso pedagógico de ferramentas digitais, como mapas conceituais, ambientes colaborativos e recursos gamificados, mostrou-se coerente com a proposta de formar estudantes capazes de interpretar, avaliar e checar informações de maneira autônoma e fundamentada.

A escola, nesse sentido, assume uma função ampliada, que ultrapassa a mera transmissão de conteúdos e se projeta como espaço formador de competências digitais, cognitivas e sociais. A atuação docente, mediada por tecnologias, torna-se fundamental para orientar os estudantes na construção de uma postura crítica e responsável diante das mídias. Dessa forma, o enfrentamento da desinformação não depende unicamente do acesso à tecnologia, mas da apropriação pedagógica dessas ferramentas em processos educativos planejados e contextualizados.

Como contribuição do estudo, ressalta-se a importância de se reconhecer o papel estratégico da escola na formação de uma cultura de segurança digital, baseada na alfabetização midiática e na utilização consciente das tecnologias. A articulação entre esses elementos configura-se como possibilidade concreta de promover a formação cidadã frente às exigências da era digital.

Por fim, observa-se que, embora os achados apontem caminhos relevantes para a atuação educativa no combate à desinformação, ainda se fazem necessárias outras investigações que aprofundem aspectos específicos do tema. Estudos futuros poderão explorar a aplicação prática dessas estratégias em contextos escolares distintos, bem como analisar a formação docente voltada para o uso crítico das tecnologias digitais. Tais complementações poderão contribuir para o aprimoramento de políticas educacionais e práticas pedagógicas voltadas à consolidação de uma educação crítica, ética e digitalmente segura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUNE, P., *et al.* (2019). Gamificação associada à Realidade Virtual no Ensino Superior: Uma revisão sistemática. *Proceedings of SBGames 2019, XVIII SBGames*. Disponível em: <https://www.sbgames.org/sbgames2019/files/papers/WorkshopG2/199959.pdf>. Acesso em 18 de junho de 2025.

GATTI, B. A. (1997). Habilidades cognitivas e competências sociais. UNESCO. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org>. Acesso em 18 de junho de 2025.

SOUZA, B. P. G. (2006). O uso de mapas conceituais como ferramenta no planejamento de aulas. Monografia (Curso de Licenciatura em Química), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

TORRES, P. L., & Irala, E. A. F. (2014). Aprendizagem colaborativa: teoria e prática. Em *Complexidade: redes e conexões na produção do conhecimento* (pp. 61-93). Curitiba: Senar.